

EXPOSIÇÃO A RISCOS ERGONÔMICOS E PSICOSSOCIAIS SOBRE A SAÚDE DOS AGENTES DE CONTROLE DE ENDEMIAS DA DENGUE

Bruno Del Sarto Azevedo - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié/BA – bruno_delsarto@hotmail.com

Adriana Alves Nery - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié/BA - aanery@gmail.com

Murilo da Silva Alves – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA - murilosevla@gmail.com

INTRODUÇÃO

De acordo com Castiel, Guilam e Ferreira (2010), risco não é um “fato” a ser compreendido, quantificado e gerenciado, mas algo que é construído socialmente. As avaliações de risco não podem deixar de lado fatores subjetivos que interferem nas opções dos indivíduos. As consequências do trabalho deixam no trabalhador registros físicos e psicossociais, que definem o atual estado do processo saúde-doença (ALVES, 2008).

Reconhecer o risco significa identificar, no ambiente de trabalho, fatores ou situações com potencial de dano. Avaliar o risco significa estimar a probabilidade e a gravidade de que o dano ocorra (BRASIL, 2001, p. 37).

Este estudo corrobora com Minayo (2010) quanto à sua concepção de que a doença nas classes trabalhadoras é localizada no corpo e se encontra vinculada à questão da produção. A saúde é uma condição necessária a uma vida ativa, à própria capacidade para o trabalho.

O adoecimento, então, se mostra como consequência de um processo socialmente organizado pelas condições materiais de um grupo, com base nos diferentes padrões de adoecimento e morbidade de uma coletividade (LAURELL; NORIEGA, 1989) – sendo considerados os aspectos socioeconômicos, demográficos, culturais, políticos, sanitários e epidemiológicos –, seja em momentos distintos ou em um mesmo momento histórico.

O objetivo geral deste estudo é identificar a exposição a riscos ergonômicos e psicossociais na saúde dos agentes de controle de endemias da dengue.

MATERIAL E MÉTODOS

O delineamento deste estudo é do tipo descritivo, com abordagem qualitativa, com base na História Oral Temática. O estudo teve como campo o município de Jequié-BA, e cenário o domicílio dos colaboradores da pesquisa, para a realização das entrevistas. Utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada.

A rede de colaboradores foi composta por cinco Agentes de Controle de Endemias (ACEs) da dengue. A fim de se preservar seu anonimato, estes foram identificados por meio de códigos.

Os dados colhidos com as entrevistas foram submetidos a uma análise qualitativa, de acordo com a História Oral, uma vez que a mesma pode ser utilizada tanto como técnica de produção quanto de tratamento e análise dos depoimentos gravados, obedecendo à seguinte ordem após as entrevistas: transcrição das gravações, conferência de depoimentos, com a autorização para o uso, arquivamento, posterior publicação e apresentação dos resultados ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1996).

A pesquisa atendeu os preceitos da Resolução nº. 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob o protocolo de número 021/2011.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de trabalho do ACE da dengue, além dos riscos e alterações à saúde causadas por agentes químicos, já conhecidos, foi possível identificar também, a partir dos relatos, outras repercussões relacionadas a fatores ergonômicos e psicossociais.

As alterações de natureza ergonômica que estavam presentes nos relatos dos ACEs são causadas pelo peso carregado na bolsa, desencadeando problemas osteomusculares, devido à grande quantidade de pacotes de Temefós (além dos próprios materiais de trabalho, como calculadora, trena, lanterna, picadeira, etc.), que se tornam necessários para a execução dos tratamentos focais. Esse problema, no entanto, parece ter sido amenizado pela troca deste larvicida pelo Diflubenzuron, já que os ACEs não mais transportam o produto consigo em grande quantidade, uma vez que dependem de seus supervisores locais para abastecê-los quando preciso.

Por outro lado, a ergonomia dos ACEs continua, ainda hoje, sendo bastante prejudicada pela postura inadequada na execução de suas atividades e pelo fato destes trabalhadores terem de realizar deslocamento constante de escadas, pois somente assim é possível ter acesso a depósitos elevados, a fim de inspecioná-los e, se necessário, tratá-los.

Apesar de não estarem totalmente esclarecidos, cabe aqui uma associação entre os problemas osteomusculares dolorosos e os fatores psicossociais. Os relatos apresentam possíveis evidências da existência de cobrança do gestor, no sentido de cumprimento de metas, caracterizando um risco psicossocial ao ACE.

Nota-se, com estes relatos, que a cobrança pelo cumprimento em tempo hábil das metas estabelecidas pelo gestor pode contribuir para uma situação geradora de riscos, uma vez que o agente, por vezes, não tem o devido suporte para perfeita execução de suas atividades laborais ou ainda por protelar a busca de assistência à saúde. Ambas as situações, como forma de não ter comprometimento no cumprimento das metas estabelecidas pelos gestores de saúde.

CONCLUSÃO

Buscou-se, neste estudo, recompor o processo de trabalho do agente de controle de endemias para apreender os padrões de desgaste a que está submetida à força de trabalho ocupada nessa atividade. Constatou-se também que durante suas atividades laborais, os ACEs estão expostos a riscos não somente ergonômicos e psicossociais, mas também a riscos químicos, físicos e de acidentes.

Em relação aos principais riscos ergonômicos identificados, destacam-se o peso e as posturas inadequadas na execução de suas tarefas nas inspeções. Há ainda a presença de risco psicossocial, na medida em que o ACE, muitas vezes, expõe a sua própria saúde, diante da necessidade de cumprir as metas estabelecidas pelo gestor em tempo hábil.

Deste modo, a Secretaria Municipal de Saúde pode contribuir por meio da busca de estratégias para a promoção de debates entre os ACEs e seus supervisores, como forma de identificar os problemas, as necessidades e as potencialidades do processo de trabalho dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Risco; Saúde do Trabalhador; Exposição Ocupacional.

EIXO: Epidemiologia

REFERÊNCIAS

ALVES, M. da S. **Relatos orais**: a relação do processo saúde-doença e o trabalho na mineração. 154 f. Monografia (Graduação) – Curso de Enfermagem, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CASTIEL, L. D.; GUILAM, M. C. R.; FERREIRA, M. S.. **Correndo o Risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de produção em saúde**: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec, 1989.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.